UMA CIDADE-FEIRA
UMA FEIRA-MUNDO

O dia ainda não clareou. O escuro concede ênfase aos barulhos de pallets se movendo, de estruturas arrastadas e aos poucos montadas, de frutas caindo e rachando, de caminhões rondando com seus motores roucos, de meninos carregadores com goles ávidos de sede em garrafas plásticas quase vazias, de passos diversos, de chinelos e botas, de bichos e crianças... Os barulhos vão clareando o dia e ao mesmo tempo o território que a Feira de Campina Grande ocupa. Os barulhos vão desenhando um início. Um início de dia. Um início de proposta de requalificação da Feira.

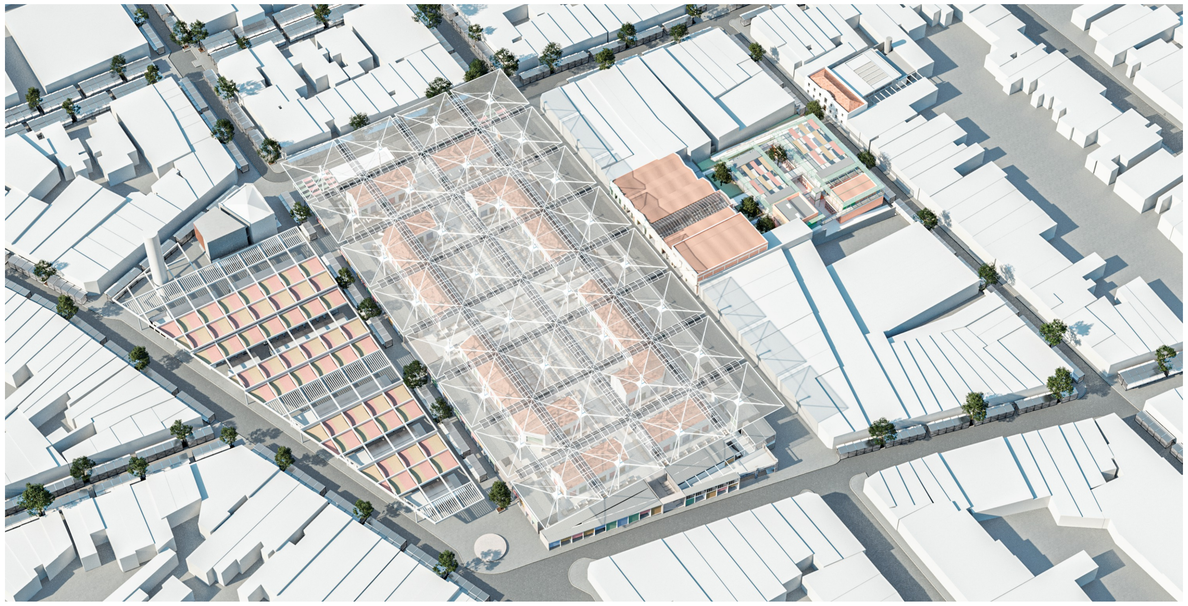
É a partir de uma escuta cuidadosa dos barulhos, do modo como a Feira já vem acontecendo, e da tentativa de garantir a autoria e a autonomia dos feirantes no que se refere ao modo como habitam este local, que o Projeto para o Concurso ganha voz. A voz que vai traçando linhas, coberturas e acessibilidades, calçadas e banheiros, é a voz dos barulhos que tentamos mapear no que já há de construção material e imaterial. A requalificação que propomos, portanto, diz de um grito coletivo e que escapa às nossas gargantas. Ecoa os barulhos de uma Feira-mundo e por isso aposta num local que é vivo. A feira é viva, plural, caótica em sua ordenação.

Projetamos uma feira viva e, por isso, apostamos nas ambiguidades, no exercício de construção de um "entre", um "entre" o caos e a ordem. Rompendo com uma lógica dicotômica e excludente, apostamos na potência que há quando a ordem e o caos habitam um mesmo espaço, abrindo um "espaço-voz" às ambiguidades inerentes ao que é vivo. A feira é viva. O que é vivo é ambíguo, paradoxal, contraditório, movimento, fluxo, grito, silêncio, desespero, paixão, alegria, dúvida.

Nesta perspectiva, a nossa intervenção na área proposta para o Concurso intui formas-mundos alternativas e mais funcionais, sem invalidar ou silenciar as formas-mundos, os barulhos e as vozes de quem faz a Feira acontecer a cada dia. Não estamos em uma posição audaciosa de "dar voz" a alguém, mas de escutar as vozes já existentes. Propor uma requalificação da feira para o Concurso, ao que nos parece, se aproxima de conceder um espaço às vozes habitantes no território da intervenção. Quais vozes "não formalizadas", "não nomeadas", pertencem ao local? Atentar para a área de intervenção proposta nos fez perceber algumas marcas de pertencimento já prévio, concretado em vias: todas as ruas que constituem o território possuem nomes de homens. Se caminharmos um pouco adiante, encontraremos uma rua chamada "Vila Nova da Rainha", a qual homenageia Maria Ana de Áustria, mulher de Dom João V. Quais vozes "não formalizadas", "não nomeadas" pertencem ao local, se olharmos para o fato de que quem nomeia a área são homens brancos e europeus?

Descrevemos essas impressões, porque acreditamos que elas dizem da escuta que tentamos fazer ao propor a requalificação da Feira de Campina Grande. Escutar o que habita a área de intervenção em questão é escutar para além do local em si: é escutar as marcas que nem sempre dizem em palavras, é escutar os silêncios e aquilo que não tem nome. Não tem nome de Rua. É escutar o desafio de acolher generosamente aos tantos elementos que compõem o cenário da Feira, abrindo espaço ao diálogo e pensando no conforto, no respeito às necessidades e diferenças de cada um. O desafio da acolhida do diferente parece conceber um recorte do que já acontecia, por exemplo, quando os indígenas precisaram emigrar da Paraíba, a fim de escaparem do plantio de algodão que os transformava em mão de obra semiescrava pelos neocolonizadores ingleses. Não havia espaço para a cultura indígena.

A indígena Eliane Potiguara, uma das 52 brasileiras indicadas ao projeto "Mil mulheres para o Prêmio Nobel da Paz" (projeto que escancara o fato de 947 pessoas e 28 organizações já terem recebido o Prêmio Nobel entre 1901 e 2021, sendo que apenas 58 são mulheres) parece produzir deslocamentos ao que projetamos, no sentido de contar a história do holocausto aos povos indígenas, ocorrido na Paraíba, ao falar sobre os seus antepassados emigrados da Paraíba. Escutar os barulhos existentes no território para intervenção arquitetônica é escutar os gritos e os silêncios dos diversos povos, também. Talvez se uma das Ruas a comporem a Feira de Campina Grande se chamasse Eliane Potiguara, poderíamos nos considerar em outro contexto. A questão é que a nossa proposta de intervenção se lança ao audacioso que é dar nome ao que ainda se coloca enquanto processo nas relações: uma postura aberta à acolhida do outro enquanto outro, das diferentes culturas enquanto legítimas manifestações de vida.

Nos vemos diante de um desafio, porque escutar as vozes e os barulhos é se deparar com a pluralidade. Como comportar as diferenças e ao mesmo tempo pensar em estratégias arquitetônicas que contemplem os objetivos do Concurso? Apostamos em uma intervenção de requalificação da feira que considere aspectos culturais, entendendo por cultura aquilo que faz laço social. Assim, a nossa tentativa é de construção de uma feira-mundo que comporte as diferenças e comporte estratégias que dialoguem com os objetivos do concurso, tomando o laço social como o que permite o enlace entre as instâncias. Aliás, delineamos uma proposta que busca a conectividade com o entorno. Pensamos o entorno não apenas em termos de espaço, mas também de tempo. Fazer laço social, para nós, é validar os tempos e os espaços que habitam um território.

Lugares flexíveis e abertos, enquanto espaços a constituírem a proposta de requalificação da Feira de Campina Grande, conversam com a nossa intenção de enlace com o entorno, de autoria dos feirantes, de valorização dos silêncios que também habitam o local. Escutar os barulhos já existentes também nos levou a pensar nos silêncios, em lugares menos pré-formulados e mais propícios à invenção de quem for utilizá-los, à invenção de lugares outros, de mundos outros, de uma feira que transborda nossas projeções. E, em seus transbordamentos, por fim destacamos a conectividade como ponto fundamental da nossa intervenção de requalificação da Feira de Campina Grande: dispomos os projetos de maneira que todos estão conectados (Mercado Central, Largo, Armazéns, Cassino, Ruas do entorno, etc).